

MAIS UMA TRAGÉDIA EM PETRÓPOLIS

APÓS TEMPORAL, UMA CIDADE ESFACELADA E DE LUTO

COM 104 MORTES, NÚMERO DE VÍTIMAS SUPERA O DAS CHUVAS DE 2011 NO MUNICÍPIO



Avalanche. A montanha de terra que deslizou e arrastou dezenas de casas no Morro da Oficina, no bairro Alto da Serra, onde as chuvas de 1988 também fizeram vítimas: cidade tem 234 áreas de risco alto ou muito alto, segundo plano municipal

FELIPE GRINBERG, FLAVIO TRINDADE, RAFAEL NASCIMENTO DE SOUZA E RODRIGO DE SOUZA grinbergo@oglobo.com.br

Quando o dia amanheceu, ficou mais evidente a dimensão de uma tragédia que se repetia. Numa Petrópolis devastada e tomada pela lama, a toda hora equipes de resgate encontravam corpos de vítimas do temporal de terça-feira, o maior na Cidade Imperial desde 1932, ano que iniciaram as medições: foram 104 mortes confirmadas até ontem à noite, e não se conseguia sequer estimar quantos eram os desaparecidos. De olho no céu, porque havia perigo de mais chuva, e à procura de parentes, muitos moradores peregrinavam pelo Instituto Médico-Legal (IML) e por ruas repletas de destroços e carros empilhados. Outros tentavam, desesperadamente, encontrar sobreviventes, às vezes com pás e baldes nas mãos, nos escombros espalhados por 89 áreas atingidas, 26 delas por deslizamentos.

Embora ainda não pareça ser um balanço final da calamidade, o número de mortes

no município já superava o da enxurrada de 2011 — o maior desastre natural recente do Brasil —, quando 71 pessoas morreram em Petrópolis, num total de mais de 900 vítimas em toda a Região Serrana. A diferença é que, 11 anos atrás, o lugar mais atingido tinha sido o Vale do Cuiabá, no distrito de Itaipava. Desta vez, a destruição se concentrou no primeiro distrito, em regiões como o Centro Histórico e bairros como o Alto da Serra e o Quitandinha, que estiveram entre os mais afetados em chuvas ainda mais antigas, de fevereiro de 1988, quando pelo menos 134 pessoas tiveram suas vidas ceifadas.

PROBLEMA MAPEADO

Só no Morro da Oficina, no Alto da Serra, um deslizamento carregou ao menos 54 casas. No mesmo lugar, em 1988, também houve escorregamentos, e quatro socorristas morreram soterrados quando a encosta em que trabalhavam desabou. Nessas mais de três décadas, o que tampouco mudou foi a ocupação desordenada. Em 1990, um estudo identificou 66 áreas de alto risco na região cen-

tral. Pós-tragédia de 2011, a prefeitura elaborou um Plano de Redução de Risco (PMRR). Os dados apresentados em 2017 apontavam que, em todo o município, 234 locais eram considerados como de risco alto ou muito alto para deslizamentos, enchentes e inundações (sendo 102 apenas no primeiro distrito). Nessas regiões, havia ao menos 20,5 mil moradias, e se recomendava o reassentamento de 7.177 famílias.

Num desdobramento do plano, documento da prefeitura reconhece que, no primeiro distrito e em parte do segundo (Cascatinha), há tendência de adensamento, principalmente informal, nas encostas, com a "verticalização das construções". Em muitos terrenos, aponta, a expansão "acaba só sendo limitada pelos afloramentos rochosos que, via de regra, são áreas com perigo alto e muito alto de queda de blocos, deslizamentos superficiais ou até eventos extremos como avalanches de rocha".

A região do Morro da Oficina está na lista do PMRR, entre as prioritárias para intervenções como reurbanização e reassentamentos. Ago-

ra, diante de mais uma tragédia, o governador do Rio, Cláudio Castro, afirmou que pretende retirar famílias que moram em áreas de risco: — Teremos postura corajosa e desmedida para fazer o que precisa ser feito, doa a quem doer.

PROMESSAS REPETIDAS

Mas, no que se refere à habitação, após a tempestade de 2011, o estado previu construir 7.235 domicílios nos municípios prejudicados. Até agora, foram entregues 4.219. Em setembro do ano passado, novas promessas foram feitas. No lançamento do Programa Casa da Gente, o governo anunciou mais 1.088 moradias na Região Serrana, 340 delas em Petrópolis, nas localidades de Mosela, Itaipava/Benfica e Vale do Cuiabá. "A Secretaria de Infraestrutura fará ainda um novo estudo para a identificação de terrenos e unidades", afirma o estado.

Além da construção de moradias, outras obras esperadas há mais de uma década não ficaram prontas. No Vale do Cuiabá, por exemplo, intervenções de controle de inundações, drenagem e re-

cuperação ambiental na calha de rios pararam em 2014, e só foram retomadas no ano passado. Em toda a Serra, cerca apenas de 50% dos R\$ 2,27 bilhões disponibilizados pelo antigo Ministério das Cidades, hoje Ministério do Desenvolvimento Regional, para a recuperação da região após as enchentes foram utilizados pelas prefeituras. A informação foi repassada por Wolnei Wolf Barreiros, coordenador-geral de Prevenção e Programas Estratégicos do ministério, durante um seminário ontem. O professor de engenharia geotécnica da Coppe/UFRJ Maurício Ehrlich, que participou do encontro, reiterou que, somada às intervenções não realizadas, a ocupação das encostas ajuda a explicar o caos.

— A cidade continua avançar por espaços que não deveriam ser ocupados — diz ele, ressaltando que as prefeituras têm dificuldades para cumprir etapas para realizar as obras. — Esses recursos federais são administrados pela Caixa Econômica. E há uma série de exigências em termos de projetos e de planejamento. Mui-

tas prefeituras têm dificuldades, inclusive Petrópolis.

Já o governo do estado afirma que, desde 2011, foram gastos, entre recursos da União e próprios, R\$ 2,3 bilhões em prevenção de enchentes e deslizamentos. As ações incluem obras em 95 encostas na Serra, sendo 12 em Petrópolis, e a implantação do Sistema de Alerta e Alarme por Sirenes. No ano passado, no entanto, de acordo com dados do Portal da Transparência, o estado liquidou apenas 24% (R\$ 7,6 milhões) dos R\$ 31,7 milhões previstos para a recuperação da Região Serrana.

— O que a gente tem que entender é que há uma dívida histórica desde outras tragédias. Foi, sim, um caráter excepcional. Foi a maior chuva desde 1932. Unir uma tragédia histórica com um déficit que realmente existe causou esse estrago todo. Que sirva de lição para que desta vez a gente aja diferente — declarou Sistro. O governador acompanha os trabalhos de resgate em Petrópolis, que amanhã também deve receber o presidente Jair Bolsonaro.

Mudam as famílias, mas a dor, indizível, é a mesma

As histórias de Micael, quase 2 anos, da adolescente Duda e de Cecília, que repetiu o fim trágico de sua avó

A enxurrada que varreu Petrópolis fez emergir histórias de famílias dilaceradas pela força das águas. De crianças ainda pequenas à mulher que repetiu a despedida da avó, morta em um temporal na cidade há meio século, as buscas entre os destroços revelavam, ao longo de todo o dia, uma imparável sequência de corpos, dramas e dor.

Quando a correnteza derrubou duas paredes da casa da família na Rua Servidão Honorato da Silva, no Centro, Luciano Maciel Dias, de 45 anos, fez o que pôde para segurar o filho, mas não foi páreo para a força do mar de lama. Arrastado, Micael de Freitas da Silva Dias, de 1 ano e 11 meses, não resistiu.

Até localizar o corpo, a família, ainda esperançosa, fez apelos na internet. A foto usada na postagem, clicada na véspera da tragédia, mostrava Micael sorridente, feliz pelo primeiro dia na escolinha. O menino, caçula de quatro irmãos, completaria 2 anos hoje. O pai, que bateu a cabeça em um carro e tem lapsos de memória, está internado e ainda não sabe da morte do filho.

—Minha mãe ainda não contou nada, vai esperar que ele melhore, até porque ele ainda vai ter de operar o braço. Meu irmão era um menino brincalhão e simpático — contou a comerciante Thalia da Silva Dias, de 23 anos.

Assim como Micael, a pequena Helena também estava prestes a chegar aos 2 anos de idade. A festa, com tema do filme "Moana", da Disney, já estava toda pronta, só aguardando a alegria da menina. Na noite de terça-feira, em meio ao temporal, ela morreu abraçada à avó, Tânia Leite Carvalho, de 55 anos, e à madrinha, Maria Eduarda Carminate Carvalho, de 17. As três foram encontradas no sofá de casa, no Morro da Oficina, onde dezenas de casas desmoronaram ou foram arrastadas

por um deslizamento de terra de proporções gigantescas.

—Às vezes, acho que é um pesadelo, que vou acordar e ela vai estar aqui. Demorei nove anos para engravidar, quis fazer as coisas certinhas para ter condições, e só aproveitei a minha filha por um ano — desabafou Giselle Carvalho, mãe da garotinha.

BUSCA PELA FILHA

O desespero de outra mãe, a de Maria Eduarda, soterrada ao lado de Helena e Tânia, transformou-se em uma das cenas mais simbólicas da tragédia em Petrópolis. A vendedora Gizelia de Oliveira Carminate, de 36 anos, chegou ainda de madrugada da cidade mineira de Juiz de Fora, onde as duas moravam. Com as próprias mãos e depois com uma enxada, sem temer o risco de alcançar pontos ainda instáveis, ela revirava escombros incansavelmente, ao ponto de perder as unhas, enquanto chamava repetidas vezes pela filha: "Duda, Duda".

O esforço não trouxe a jovem de volta aos braços da mãe. Horas depois, o corpo de Maria Eduarda acabou encontrado por bombeiros. Aspirante a modelo, ela já somava cerca de 17 mil seguidores nas redes sociais e começava a fazer os primeiros trabalhos na área, estrelando campanhas publicitárias em Juiz de Fora.

A ida quatro dias antes para Petrópolis, cidade que ela adorava, tinha, desta vez, outro motivo, além da visita à afilhada Helena. E a razão não poderia ser mais característica da idade: a jovem pulando vida tinha um "crushi" — gíria adolescente para "paquera" — no município.

—Eu vim correndo para salvar a minha filha. Fiz de tudo, do tudo mesmo. Mas as casas estão todas destruídas. Isso aqui acabou — resumiu Gizelia, emocionada: — Minha filha era a coisa mais linda que tem no mundo. Te juro



GABRIEL DE PAIVA



REPRODUÇÃO

Destino. Camila Fiorese (ao lado) se desespera com a perda da irmã, Cecília, (acima), que herdou o nome da avó das duas, também morta pelas chuvas de Petrópolis



GABRIEL DE PAIVA



REPRODUÇÃO

Súplica. Gisele de Oliveira Carminate (ao lado) perdeu as unhas cavando o chão em busca da filha, Maria Eduarda (acima), soterrada no Morro da Oficina



REPRODUÇÃO

Último sorriso. Em seu primeiro dia no jardim de infância, Micael caprichou na pose para a foto

por Deus. Uma princesa.

A lista de vítimas também conectou duas mortes separadas por meio século que, além de ferirem uma mesma família, escancararam o problema histórico causado pelas chuvas no Estado do Rio. Na manhã de 25 de novembro de

1971, em meio a um forte aguaceiro, um deslizamento de terra no bairro Cascatinha atingiu em cheio a casa de Cecília Eler de Lima, que morreu no local, aos 55 anos. Nascida uma década depois, Cecília Lima Fiorese, primeira filha de Nadir Eler de Lima, recebeu, como forma de homenagem, o nome da avó.

TRAGÉDIA QUE SE REPETE

Com destinos cruzados desde o batismo, as duas "Cecilias" tiveram as vidas trançadas também na despedida: tal qual a avó, a neta tornou-se, aos 40 anos, uma das dezenas de vítimas do avassalador temporal de anteontem. Assim como a mãe, dona Nadir, que fez 72 anos na próxima segunda-feira, Cecília morou a vida inteira em Petrópolis.

O ex-marido, o comerciante Alessandro de Araújo Dutra, com quem ela ainda era

casada no papel, conta que os dois chegaram a pensar em deixar a cidade, mas o nascimento do filho do casal, hoje com 6 anos, deixou o plano na gaveta. O medo dos temporais, contudo, era constante. Tanto em Cecília quanto em Nadir, que perdeu mãe e filha para as chuvas.

—Chove, e ela fica agoniada. Tenho muita vontade de levá-la embora, mas minha mãe tem raízes aqui — diz a servidora Camila Fiorese, de 37 anos, que há 21 trocou Petrópolis por Brasília: — Somos uma família cristã, e cremos que minha irmã está melhor, com Deus, na eternidade. É mais aceitável assim. Minha mãe só está conformada por isso.

O último contato de Cecília com a família foi às 17h58, quando trocou mensagem com o ex-marido. Ele enviou vídeos do local onde estava, alagado, e perguntou em que

situação se encontrava a administradora. Ela respondeu: "De boa". Em seguida, Cecília enviou imagens que já mostravam a água tomando a Rua Teresa. Especializada na área de saúde, ela trabalhava há menos de um mês, após um período desempregada, em um consultório dentário na própria via. A felicidade pela conquista da vaga era grande.

Não demorou para que chegasse a informação de que a clínica havia desabado. Segundo funcionários que escaram, Cecília só não sobreviveu por conta de um detalhe: pouco antes de tudo vir abaixo, decidiu pegar um café no segundo andar.

—Quando cheguei, eu ajoelhei, pedi a Deus, chorei muito. A família me ligava, eu só respondia que o que nos restava era orar por um milagre, porque a cena era apavorante. Infelizmente, não adiantou — lembra Alessandro.

Agora é hora de solidariedade: saiba como ajudar

OAB, shoppings, escolas de samba e igrejas são alguns dos pontos de arrecadação de doações para as vítimas do temporal

Após a tragédia das chuvas que, mais uma vez, se abateram sobre Petrópolis, uma grande rede de solidariedade se formou para receber doações às vítimas da catástrofe na cidade serrana. Alimentos não-percíveis, água mineral, roupas, colchonetes, produtos de higiene pessoal e de limpeza, absorventes, máscaras: estes são alguns dos itens que vêm sendo recolhidos por instituições diversas. No municí-

pio do Rio, a lista vai da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e da Caajr (Caixa de Assistência da Advocacia) a quadras de escolas de samba como a Unidos de Padre Miguel e o Império Serrano, passando por diversos postos da Polícia Federal na cidade, igrejas e clubes.

—Todas as nossas atenções estão voltadas para Petrópolis. Nossas equipes estão de plantão para podermos ajudar de todas as formas os mo-

radores que estão vivendo momentos de aflição e desespero — diz Ricardo Menezes, presidente da Caajr.

Batalhões da Polícia Militar estão recolhendo doações em todo o estado. Na capital, o prefeito Eduardo Paes e a secretária municipal de Assistência Social, Laura Carneiro, abriram dez pontos de coleta em Coordenadorias de Assistência Social (CAS), em funcionamento de segunda a sexta, das 8h às 17h.

Na própria Região Serrana, as paróquias de Petrópolis estão abertas para receber desabrigados e doações, enquanto na vizinha Teresópolis escolas e igrejas passaram a receber itens de primeira necessidade.

Referência quando o assunto é solidariedade, a Ação da Cidadania abriu as portas de sua sede, na Rua da Gamba, 246, na Zona Portuária do Rio, para receber ajuda direta da população. Na campanha S.O.S.

Enchentes Brasil, que a ONG empreende desde o ano passado, contribuições também podem ser feitas através do site www.acaoadadadania.org.br ou pelo PIX (sosenchentes@acaoadadadania.org.br).

DOAÇÃO DE R\$ 30 MILHÕES

Na Alerj, os deputados estaduais aprovaram em caráter de urgência três projetos voltados às vítimas das chuvas em Petrópolis: autorização

de doação de R\$ 30 milhões para o município; permissão para que o cidadão acumule o auxílio do Supera RJ com algum benefício concedido pela prefeitura ou pelo Governo Federal; e a prorrogação do pagamento do IPVA (veículo com placa de Petrópolis) — com parcelamento sem juros além das três parcelas previstas. A medida também trata do ICMS: prorroga o pagamento para estabelecimentos comerciais e prevê parcelamento sem multa ou juros de dívidas contraiadas neste ano.

A expectativa é de que os textos sejam sancionados ainda hoje pelo governador Cláudio Castro.

MAIS UMA TRAGÉDIA EM PETRÓPOLIS

ANTES E DEPOIS DO TEMPORAL



Rua da Imperatriz em frente ao prédio do Cefet: cenário de destruição

Carros empilhados na altura do número 810 da Rua do Imperador

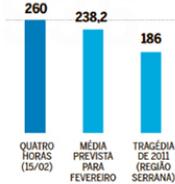
Ônibus dentro do Rio Piabanha na Rua Wahington Luiz

POR TRÁS DA CATÁSTROFE

COMBINAÇÃO DE FATORES, COMO CHUVA MAIS INTENSA QUE A DE 2011, LEVOU AO CAOS

QUANTO CHOVEU?

Em milímetros



QUATRO HORAS (15/02)
MÉDIA PREVISTA PARA FEVEREIRO
TRAGÉDIA DE 2011 (REGIÃO SERRANA)



AINDA PODE CHOVER

Há previsão de novas chuvas até a próxima terça-feira em toda a Serra. A situação é crítica, principalmente em Petrópolis, pelo volume que já caiu e por concentrar o maior acumulado previsto para os próximos dez dias - de cerca de 90 milímetros

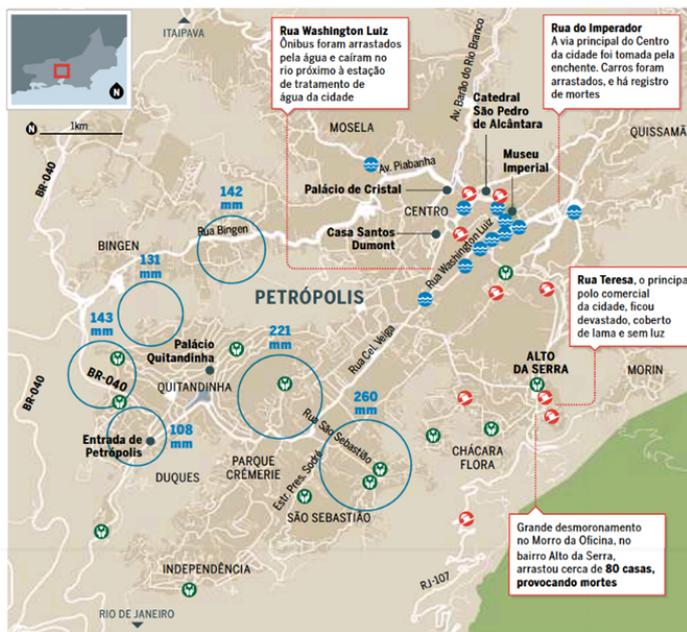
Precipitação acumulada para os próximos 10 dias



Em milímetros de chuva
10 40 80 100mm

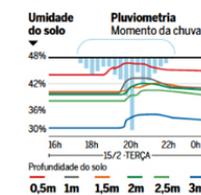
OS LOCAIS MAIS AFETADOS

Desabamento Alagamento Pontos de acolhimento MILÍMETROS ACUMULADOS EM 24 HORAS



O QUE LEVOU AOS DESLIZAMENTOS?

1 As estações geotécnicas em Petrópolis indicam, durante o temporal, um aumento grande e abrupto da umidade do solo, que já era elevada devido a chuvas anteriores



2 Estas superaram 220 milímetros em 14 dias e 350 milímetros em 21 dias
3 O solo encharcado preparou o terreno para deslizamentos, em decorrência do escoamento superficial intenso da água, com a tempestade de terça

O QUE PROVOCOU A TRAGÉDIA DE PETRÓPOLIS?

Uma combinação de fatores, muito parecida com a de 2011

1 Temos uma Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS), que é um canal de umidade estacionado na região, provocando muita chuva durante um período prolongado de tempo. A Serra Fluminense, o Sul do Espírito Santo e a Zona da Mata mineira estão no caminho das águas



2 A própria Serra com suas montanhas concentra as chuvas
3 A aproximação de uma frente fria no oceano
4 Um núcleo de chuva intensa que se formou sobre Petrópolis foi determinante

ENXURRADA E INUNDAÇÃO

Na área devastada pelo temporal, bastante urbanizada, há a convergência de rios e córregos, cujos níveis sofreram elevações com a chuva intensa e concentrada, que sobrecarregou os sistemas de drenagem pluvial. O resultado veio em forma de inundação e enxurradas (escoamento superficial de alta velocidade e energia). Na bacia hidrográfica, a chamada "onda cheia" se propagou desde os rios Quitandinha, em Coronel Veiga, e Palatinado, no Alto da Serra, e no rio Piabanha em Corrêas e Nogueira

ANTES E DEPOIS DO TEMPORAL



A lama e o lixo chegaram a 1 metro de altura na Rua Teresa

Rua do Imperador tomada de lama na altura do número 521

Lixo e galhos acumulados na ponte em frente ao Museu Imperial

Fonte: Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais)

Créditos - Texto: Ludmilla de Lima Infografia: Felipe Nadeas, Renato Carvalho e Vinícius Machado Fotografia: Márcia Foletto, Domingos Peixoto e imagens do google Maps

ENTREVISTA

Marcelo Seluchi / COORDENADOR DE OPERAÇÕES DO CEMADEN

Especialista diz que autoridades e população precisam ficar atentas porque as chuvas ainda são um risco. Segundo ele, temporais como o de terça 'são altamente instáveis e imprevisíveis no curto prazo'

ANA LÚCIA AZEVEDO ana@folha.com.br

'PODEM OCORRER DESLIZAMENTOS MESMO SEM CHOVER', ALERTA

A chuva deve continuar a castigar Petrópolis e o restante da Serra Fluminense até pelo menos a próxima terça-feira, alerta o meteorologista Marcelo Seluchi, coordenador-geral de Operações e Modelagem do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden). A situação é crítica e o terreno está tão instável, que podem ocorrer novos

desmoronamentos mesmo sem chuva, adverte ele.

O quão extrema foi a chuva de terça-feira em Petrópolis?

Foi a pior registrada em Petrópolis. Choveu 230 mm em 3h, 260 total em 6h. Mas destaque os 230 em 3h porque é um evento altamente crítico, extremo. Choveu localmente até mais do que na tragédia de 2011. As medições oficiais de 2011 não

chegam a 200 milímetros. A gente estima, baseados em imagens de radar, que pode ter chegado a 300 mm. Mas o dado medido oficial é 186 mm em 24 horas. Tivemos ontem uma situação terrível. Mas toda a Serra Fluminense, o Sul do Espírito Santo, a Zona da Mata mineira estão no caminho das águas agora. Vai chover todos os dias e quando você tem um volume muito alto acumu-

lado, tem muito perigo.

O que provocou a tragédia de Petrópolis?

Uma combinação de fatores, muito parecida com a de 2011. Temos uma Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS), que é um canal de umidade estacionado na região. Isso tem feito chover muito na região durante todo esse verão. Somada a isso há a própria presença da Serra (as montanhas concentram as chuvas), combinada à aproximação de uma frente fria no oceano. Mas um fator fez grande diferença.

Qual?

O núcleo de chuva intensa, uma supercélula, se formou exatamente sobre o Centro de Petrópolis. Ela surgiu e explodiu ali. Temos conversado diariamente há mais de uma semana com a Defesa Civil do Rio de Janeiro. Há vários dias, vemos a possibilidade de pancadas fortes entre Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte. Mas eventos localizados assim são altamente instáveis e imprevisíveis no curto prazo.

A chuva surpreendeu?

A chuva forte não surpreendeu, e sim o volume.

Podemos dizer que vai chover muito, mas não precisamente quanto, muito localmente. Uma chuva de 230 milímetros em três horas é de uma barbaridade tão grande e se forma tão explosivamente que escapa a qualquer modelo. Então, a população e as autoridades precisam estar alertas, se preparar porque elas são um risco real.

Qual a previsão?

A situação é muito crítica na Região Serrana, principalmente em Petrópolis, pelo volume que já caiu. O solo está tão instável que podem ocorrer deslizamentos mesmo sem chover. Mas há previsão de novas chuvas pelo menos até a próxima terça-feira em toda a Serra porque a frente fria realimentou a ZCAS.

A chuva pode piorar?

Choveu muito em toda a Região Serrana nos últimos dias e a partir desta quinta-feira (hoje), a chuva pode até ficar mais intensa. Não digo que vai se repetir o que aconteceu em Petrópolis, que tem uma recorrência estimada de dez anos. A chuva de ontem foi até mais forte do que a de 2011. Foi

uma barbaridade.

Quantas pessoas temos em risco neste momento?

Com base no Censo de 2010, e portanto, o número pode ser bem maior, há 174 mil pessoas em áreas de risco na Região Serrana. Mas um terço delas, ou cerca de 50 mil pessoas, estão numa zona de extremo risco, a pior condição de vulnerabilidade. Isso é gravíssimo.

Em 2011, se dizia que esses eventos ocorriam uma vez a cada 500, o quão frequentes se tornaram?

Particularmente, não gosto dessas comparações, têm pouca base em registros. Temos um padrão de um extremo a cada dez anos, mas isso pode ficar ainda mais frequente. Veja que não se trata de uma vez a cada dez anos no país, mas na mesmíssima região. E tivemos chuvas extremas em três meses na Bahia, em Minas Gerais e agora no Rio. Isso é muito grave.

É um padrão de mudança climática?

Se você juntar as peças dessas tragédias, sim, há um padrão de extremos, como os associados a mudanças climáticas.

Obstrução de canal teria intensificado alagamentos

Túnel subterrâneo na foz do Rio Quitandinha com o Palatinato está desmoronando, impedindo passagem adequada das águas das chuvas, dizem especialistas

Especialistas apontam que a falta de intervenções estruturais contribuíram para a tragédia provocada pelas fortes chuvas que atingiram Petrópolis na última terça-feira. Eles afirmam que, se tivessem sido feitas obras de contenção de encostas e de desobstrução do maior canal extravasador subterrâneo da cidade — esperada há mais de duas décadas —, os impactos poderiam ter sido atenuados. A região mais afetada da cidade foi o primeiro distrito.

Paulo Canedo, professor de recursos hídricos da Coppe/UFRJ, explica que três importantes rios passam no Centro da cidade: o Piabanha, o Quitandinha e o Palatinato. Uma das principais causas para a tragédia teria sido a obstrução de um canal por onde passam as águas do Quitandinha. — Desta vez, a chuva atingiu principalmente o Quitandinha, que, na sua foz junto com o Palatinato, tem um enorme túnel extravasador que leva o Pa-

latinato para o outro lado da cidade. Esse túnel está parcialmente obstruído, desmoronando, e precisando de obras emergenciais há muitos anos. No início do governo Witzel (2019), o estado recebeu dinheiro do governo federal para essas obras, que não saíram do papel. Havia o projeto e o dinheiro, mas a obra tão importante, pensada desde a década de 1990, não foi executada.

ALERTA DO CEMADEN

Na segunda-feira, o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) emitiu um alerta para a Defesa Civil do Estado sobre chuvas nos dias seguintes que poderiam resultar em deslizamentos pontuais, especialmente nas regiões de serra e densamente urbanizadas, como é o caso de Petrópolis.

— Esse alerta (do Cemaden) não especifica que região do estado, e muito menos de uma cidade específica, será atingida. O fato é que Petrópolis ca-



Caos. Ônibus arrastados pela enxurrada foram parar dentro do Rio Quitandinha, na Rua Washington Luiz; ao fundo, barreira impede passagem de veículos

rece de investimentos no controle de inundações há muito tempo, principalmente na parte antiga — diz Canedo.

Para Gerardo Portela, doutor em gerenciamento de riscos da Coppe/UFRJ, "é muito importante que cidades pequenas tenham um meteorologista de plantão para mapear situações de risco".

— O Centro de Operações Rio (COR) tem uma área de abrangência muito maior do que a cidade do Rio, então po-

de ser usado pelos outros municípios. É possível acompanhar o deslocamento das nuvens, mas, desta vez, elas estacionaram em Petrópolis: o problema é que só se consegue antecipar um fenômeno desse cerca de 40 minutos antes.

Outro fator preocupante são as ocupações irregulares e a impermeabilização do terreno, que ocorre quando se constrói tanto que o solo não consegue mais absorver a água.

— Na região central, a mais

afetada, há um espaço urbano bem congestionado, espremido por montanhas. Com isso, vêm as ocupações irregulares e a impermeabilização do solo, que resultam no aparecimento de rios artificiais nas ruas, já que a água não tem mais para onde escoar, também devido a canais entupidos — afirma Portela. — A primeira coisa que se precisa ter para construir de forma legal é um habite-se. Obviamente essas casas nas encostas não têm. Além de

contenção de encostas, o poder público precisa oferecer moradias regulares, abrigos para emergências e preparar as vias para resistir às chuvas.

Em nota, o governo estadual informou que há um projeto do Inea e do Ministério do Desenvolvimento Regional para subsidiar as obras do túnel extravasador e a construção de uma galeria na Rua Coronel da Veiga para receber a água do Rio Quitandinha, mas não divulgou data.

Moradores de rua salvam pessoas arrastadas pela água

Levadas pela enxurrada, vítimas da chuva estavam presas em grades às margens dos rios que cortam o Centro Histórico

Ponto turístico do Centro Histórico de Petrópolis, a Praça Dom Pedro II abriga moradores em situação de rua. Durante a enxurrada, três deles se uniram para ajudar pessoas que estavam sendo arrastadas pela correnteza. O gesto

de solidariedade teve um custo para o trio, que perdeu roupas e documentos, além do lugar para dormir, uma vez que a praça foi tomada pela lama. Em outros locais, foram vizinhos que fizeram as primeiras tentativas de resgate de víti-

mas soterradas porque o Corpo de Bombeiros teve dificuldade para chegar.

Nascido em Petrópolis, Michael Azevedo Lopes, de 27 anos, vive nas ruas onde vender doces. Na hora do temporal, ele se preparava para reco-

lher suas coisas, com dois companheiros de rua, quando a enxurrada tomou conta da Rua do Imperador. Ao verem pessoas serem arrastadas pela água, eles correram para ajudar quem precisava: — Foi muito rápido, a rua en-

cheu e vimos pessoas sendo arrastadas. Um estava morto e ficaram presas nas grades, mas algumas estavam vivas. Consegui tirar uma moça grávida, mas infelizmente ela bateu a cabeça e morreu em meus braços — disse Michael.

Ex-morador de rua em Nova Friburgo, também na Serra, Antônio Gama, de 35 anos, viu de perto a tragédia das chuvas de 2011. Ontem, ele passou por tudo novamente:

— Foi coisa de filme de terror. Tentei salvar o rapaz ali. Graças a Deus, conseguiram jogar a corda e resgatar ele.

O ato de coragem dos moradores de rua acabou custando parte importante do pouco que já possuíam. A enxurrada levou roupas e documentos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Rio **Página:** 22 a 25